ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO E ÍNDIGENA: DESAFIOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Weslley GOMES1

1 Graduandos do curso de Licenciatura em História, Uneal; 2

[contatoweslleygomes@gmail.com](mailto:contatoweslleygomes@gmail.com)

**RESUMO:** A proposta deste artigo é apresentar as experiências obtidas nas escolas parceiras, que são; escola Manoel passos lima, Escola Estadual Graciliano ramos e escola Egídio Barbosa o principal objetivo do projeto é desmistificar as culturas Afro e indígena e mostrar suas importâncias para a sociedade. Diante das escolas em tomar à frente das iniciativas, os professores de história ressaltam o papel do **docente como protagonista desse processo**. Cabe aos educadores abrir espaço para as demandas, vencer o preconceito institucionalizado e preencher lacunas na sua própria formação diante de tantas abusões observadas quando o assunto se trata de cultura e principalmente nas escolas onde pouco e tratado do assunto, daí a importância da concepção para ajudar e mostrar através de oficinas, debates o lado do qual não e trabalhado dentro da sala de aula.

**Palavras-chave:** Cultura. Educação. Preconceito.

**INTRODUÇÃO**

É ensinado na escola que o brasileiro é resultado da mistura de três etnias: o branco europeu, o negro africano e o indígena nativo. A divisão do conteúdo ensinado, entretanto, não segue essa proporção.**A história e complexidade dos povos indígenas e da população negra se encontram muitas vezes resumidas à descoberta do Brasil e ao período da escravidão.**

“A nossa grande diversidade é apagada nos bancos escolares. Há uma tentativa de homogeneizar a cultura brasileira sob o olhar do colonizador europeu” Redson(2009), segundo afirma o professor Redson Silva, docente há seis anos na rede pública é professor titular no ensino público estadual de São Paulo, nos níveis Fundamental e Médio. Possui graduação em História pela Universidade Bandeirante de São Paulo (2009), Especialização em História, Sociedade e Cultura (Pontifícia Universidade Católica, SP,2014) e Mestrado em História Social no programa de pós-graduação stricto sensu da Pontifícia Universidade Católica -SP.

“Os cursos de ensino superior até muito recentemente sequer tinham disciplinas que tratavam desses temas. Não se discutia em sala de aula métodos, materiais ou objetivos de trabalhar a temática indígena e negra em sala de aula”. (TESTA; ADRIANA; QUEIROS, 2014)

Segundo LARAIA (2001); Procuramos, na medida do possível, utilizar exemplos referentes à nossa sociedade e às sociedades tribais que compartilham conosco um mesmo território. Isto não impede, contudo, a utilização de exemplos torna dos emprestados de autores que trabalharam em outras partes do mundo.

Tal procedimento é coerente, desde que o desenvolvi mento do conceito de cultura é de extrema utilidade para a compreensão do paradoxo da enorme diversidade cultural da espécie humana.

Objetivos: Mostrar para nossa sociedade e principalmente alunos a diversidade étnica, e quebrar paradigmas referentes as culturas abordadas no projeto, Afro e Indígena, tentando mostrar que ainda a civilizações antigas porém que com o tempo vieram a ter adaptações por conta de tantos embates, trazendo para a sala de aula a história não dita de como esses povos e religiões ainda sobrevivem em meio a tanta perseguição étnico-racial.

Tentando também inserir os alunos engajando-os em nosso projeto afim de que cultura seja algo visto também no tempo presente quebrando com o estereótipo do Índio de 1500 e o negro escravo, tentar trazer o aluno e aguçar sua curiosidade em conhecer nossa história que e tão rica em detalhes que por muito tempo foram esquecidos e afastados do nosso conhecimento com a falta de projetos que incentivem o aluno a conhecer cada povo com seus costumes e crenças, quebrando um pouco da barreira religiosa que o catolicismo nos impôs durante tanto tempo demonizando outras culturas e religiões.

**MATERIAIS E MÉTODOS**

Nas escolas trabalhamos com algumas oficinas e apresentações das quais mostraram um pouco da cultura étnica tanto indígena como afro, apresentações de coco de roda, capoeira que chamaram a atenção de muitos alunos que ate participaram de alguma forma mesmo que não fosse diretamente mais ate indiretamente também.

Vimos o engajamento e ate alunos que se identificaram com histórias até de sua vida pessoal, alunos que por temerem repressão ate de seus pais, contaram um pouco do seu dia a dia e de suas comunidades que por repressão, não seguem seus rituais religiosos, e, que por isso negam ate sua origem, foi mostrando a importância da autoafirmação, levamos professores que nos ajudaram a desmistificar alguns mitos.

Ouve debates com os alunos, a cada dia que passamos na escola percebemos a importância desse projeto pra escola participante e o quanto importante foi para cada um deles e para cada docente envolvido.

**Resultados e discussãO**

Povos indígenas e comunidades tradicionais protegem diariamente as florestas: são seus verdadeiros Guardiões. Eles arriscam suas vidas para denunciar atividades ilegais em seus territórios.

Esse foi um dos assuntos abordados em uma de nossas discussões dentro da sala de aula quando tratamos do abril indígena, tratamos da importância da sociedade conhecer o papel social do índio, mostramos a situação da qual eles enfrentam no dia a dia por sua sobrevivência, conseguimos levar inquietações, provocações para os alunos e tentar engajar - os nesse projeto e principalmente falar um pouco da cultura que e tão importante para nossa história.

Esse trabalho traz uma reflexão sobre as relações étnico-raciais no Brasil a partir das práticas pedagógicas e problematizam o lugar dessas práticas na constituição das identidades étnico raciais das crianças brasileira.

Como espaço de formação, a escola pode (des)construir ou reforçar representações e comportamentos sociais, participando na construção de novas relações.

Para isso ela direciona, potencializa ou dê potencializa saberes e fazeres que fazem parte da vivência da pluralidade de seus sujeitos (alunos e profissionais). Nessa tarefa, as inter-relações desses espaços são mediadas pela valoração atribuída a esses membros a partir da identificação positiva ou negativa das suas características físicas, materiais ou simbólicas.

Uma das formas de concretização dessa valoração na prática pedagógica escolar ocorre através das interações entre esses diversos sujeitos da escola e dos bens materiais e simbólicos presentes nessas relações, sejam livros, brinquedos, cartazes, atividades e ações. Nas interações, diversos sentidos se constituem e se processam, várias mediações ocorrem engendradas por diversos elementos de caráter sócio-cultural, econômico e também étnico, como tem apontado um crescente acervo de produções científicas.

As crianças crescem também no espaço da escola e nele também aprendem a fazer suas escolhas, forjam suas posturas, se desenvolvem em interação com outras pessoas.

**CONCLUSÃO**

Tratando da relação do cotidiano escolar vimos com os referenciais sócios histórico-culturais da população de origem africana, como base de formação das identidades e dos repertórios culturais afro-brasileiros e indígenas, diversos trabalhos aborda o etnocentrismo dos conteúdos escolares, problematizam as tensões constituídas, e nem sempre explícitas, no espaço cotidiano da escola.

Nesse contexto de etnocentrismo e tensões se encontram as estratégias de discriminação étnica exercitadas na prática pedagógica, com consequências negativas para a trajetória sócio-educacional da população negra e indígena.

Esse trabalho teve como objetivo mostrar que somos um povo de varias e diferentes religiões raças e que nem sempre temos a mesma opinião, porém a critica só pode vir após o conhecimento e o estudo de determinados assuntos dai a importância do projeto para as escolas envolvidas.

No que se refere à abordagem sobre as diferenças e a diversidade cultural indicia, nos seus princípios e propostas, a perspectiva da pluralidade, limitando-se à referência sobre a diversidade de manifestações artísticas e culturais.

Há um avanço significativo no que tange à legislação, sendo que o desafio é como essa lei se configura em práticas cotidianas nos diversos espaços educacionais. Ainda que entendendo ser a lei fruto da demanda do cotidiano, esta se configura em uma construção de mão dupla, é fruto e motivadora das práticas do cotidiano.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

**Laraia, Roque de Barros**, 1932- 1.331c **Cultura: uni conceito antropológico** / Roque 14.ed. de Barros Laraia. — 14.ed. — Rio de Janeiro: Jorge "Zahar Ed., 2001

**Lima, Maria Batista**, INFÂNCIA AFRO-BRASILEIRA E COTIDIANO ESCOLAR: REFLEXÕES NECESSÁRIAS / UFS.,2008

**LIMA**, Maria Batista. Afrodescendência e Prática Pedagógica nos 500 anos de Brasil. Revista Hora de Estudo. Aracaju - SE: Secretaria Municipal de Aracaju, dez./2000. Edição Especial, p. 53-62.